MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v12i23.15868

Política internacional na CPAC: Conteúdos, atores e posições na esfera pública (2018-2021)

International Politics at CPAC: Contents, actors and positions in the public sphere (2018-2021)

La política internacional en el CPAC: Contenidos, actores y posiciones en la esfera pública (2018-2021)

Otávio Dias de Souza Ferreira
Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO-Brasil)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: euotavio@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5659-5347

Resumo: A Conservative Political Action Conference (CPAC) constitui iniciativa política criada nos anos 1970 para operar como aparato ideológico de grupos conservadores dos Estados Unidos ligados ao Partido Republicano. O trabalho expõe, analisa e sistematiza conteúdos, atores e posições registradas nas conferências da CPAC e na página da American Conservative Union Foundation, entidade organizadora das conferências, entre 2018 e 2020, além do que foi apresentado na primeira conferência do ano de 2021, sobre assuntos internacionais. Identifica-se grande preocupação com a agenda internacional. Evidencia-se a defesa reiterada do status estadunidense de líder na defesa das liberdades, do livre mercado e da democracia. O país é anunciado como o único capaz de fazer frente às ameaças terríveis colocadas na geopolítica internacional, sobretudo por parte da China.

Palavras-Chave: Política Internacional; Estados Unidos; Hegemonia.

MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

Abstract: The Conservative Political Action Conference (CPAC) is a political initiative created in the 1970s to operate as an ideological apparatus of conservative groups in the United States linked to the Republican Party. Traditionally more focused on domestic politics, there is a tendency to be more concerned with the international agenda. The paper exposes, analyzes, and systematizes contents, actors, and positions recorded at CPAC conferences and on the website of the American Conservative Union Foundation, the organizing entity of the conferences, between 2018 and 2020, in addition to what was presented at the first conference of the year 2021, on international affairs. It identifies great concern with the international agenda. It is evident the repeated defense of the US status as a leader in the defense of freedoms, the free market, and democracy. The country is heralded as the only one capable of facing the dire threats posed in international geopolitics, especially by China.

Keywords: International Politics; United States; Hegemony.

Resumen: La Conferencia de Acción Política Conservadora (CPAC) es una iniciativa política creada en la década de 1970 para funcionar como un aparato ideológico de los grupos conservadores estadounidenses vinculados al Partido Republicano. Tradicionalmente más centrados en la política interna, se ha observado una tendencia a una mayor preocupación por la agenda internacional. El trabajo expone, analiza y sistematiza contenidos, actores y posicionamientos registrados en las conferencias del CPAC y en la página web de la American Conservative Union Foundation, entidad organizadora de las conferencias, entre 2018 y 2020, además de lo presentado en la primera conferencia del año 2021, sobre asuntos internacionales. Uno identifica una gran preocupación con la agenda internacional. Es evidente la defensa de la condición de Estados Unidos como líder en la defensa de las libertades, el libre mercado y la democracia. El país se anuncia como el único capaz de hacer frente a las terribles amenazas que plantea la geopolítica internacional, especialmente China.

Palabras clave: Política internacional; Estados Unidos; Hegemonía.

Recebido em: 19/04/2022

Aceito em: 30/03/2023

INTRODUÇÃO

A CPAC – Conservative Political Action Conference – corresponde a iniciativa política criada em 1974, vinculada à American Conservative Union Foundation – ACU (União Conservadora Americana). Opera como um aparato ideológico nos Estados Unidos da América ligado, de modo informal, a grupos autodenominados conservadores do Partido Republicano.

Após histórico mais voltado para a realização de conferências nos Estados Unidos, na gestão de Matt Schlapp à frente da ACU Foundation e no contexto de ascensão de Donald Trump, criou-se centro temático sobre política internacional e foram realizadas de conferências fora dos Estados Unidos.

Esse trabalho investiga os principais conteúdos, atores e posições sobre matérias internacionais em vídeos institucionais, registros de painéis individuais e mesas de conferências da CPAC divulgados pela instituição referentes ao período entre 2018 e início de 2021. Olha-se para os indivíduos e as organizações de relevância, para as principais demandas articuladas no âmbito das conferências, para os inimigos eleitos e para o espaço reservado para a América Latina – e para o Brasil – em relação ao resto do mundo.

O artigo está organizado em quatro sessões, além dessa introdução e das considerações finais. Na primeira parte apresentamos a CPAC, com um breve histórico, enfatizando a tendência recente de se dedicar mais ao debate de questões internacionais. A segunda parte trata da CPAC teoricamente como um aparato hegemônico. Em seguida, discorremos sobre questões metodológicas da pesquisa empírica. Passa-se, na quarta parte à análise dos dados empíricos, sistematizando os achados no material selecionado referente a vídeos de painéis individuais e mesas entre 2018 e 2020 e da primeira CPAC de 2021, realizada na Flórida.

Pretende contribuir para uma agenda nova de pesquisas sobre as novas facetas do conservadorismo estadunidense em torno do fenômeno de Donald Trump e suas redes e projetos internacionais, que têm desdobramentos inclusive sobre grupos conservadores no Brasil, lembrando que em outubro de 2019 São Paulo foi a sede de um encontro da CPAC, que contou com Eduardo Bolsonaro como referência principal [1].

O objetivo central é investigar como tem sido desenhada nesses últimos anos a agenda internacional da CPAC, quais as preocupações maiores. A hipótese é que a China tenha centralidade e que os embates ideológicos tenham ganhado destaque, especialmente com o protagonismo de Donald Trump no âmbito das Conferências.

1 Para mais informações do evento, ler informe de Ferreira (2019) no Observatório de Política dos Estados Unidos.

CC BY NC SA

NOTAS SOBRE A CPAC

Fundada em meados dos anos 1970, nos idos do escândalo de Watergate envolvendo o então presidente Richard Nixon, a Conservative Political Action Conference (CPAC) une atores políticos importantes que se colocam no espectro político-ideológico do conservadorismo estadunidense [2] e redes difusoras do pensamento ligado ao movimento intelectual construído a partir do pós-Guerra (NASH, 2006). É simbólico que a abertura daquele primeiro evento tenha sido protagonizada por Ronald Reagan, aquele que em 1980 concretizaria a missão de alcançar a Presidência.

A CPAC firmou-se enquanto marco relevante para o "movimento conservador" estadunidense. Ao longo dos anos, a CPAC foi ganhando crescente notoriedade. Firmou-se uma tradição de edições anuais da conferência, na maioria das vezes em Washington. Várias lideranças do "Great Old Party" encontraram nessas conferências um espaço privilegiado para seus discursos, como Ronald Reagan, John McCain, George H. W. Bush, Bob Dole, Jack Kemp, George W. Bush e, mais recentemente, Ron Paul, Rudy Giuliani, Mitt Romney, Ted Cruz e Donald Trump (GONYEA, 2017; HUMAN EVENTS, 2003).

A ACU, por sua vez, foi fundada em 1964. Divulga como slogan principal que define sua função e papel a frase: "Nós definimos o conservadorismo" [3]. Para se ter ideia da amplitude do rol de atividades desenvolvidas pela fundação, em sua estrutura foram criados órgãos temáticos como o "Centro para Accountabilty Legislativa", o "Centro para Liberdade Automobilística", o "Centro Nolan para a Justiça", o "Centro para Artes e Cultura", o "Centro para a Dignidade Humana", o "Centro para os Direitos de Propriedade do Século XXI", o "Centro para o Estado e a Diplomacia" e o "Centro para Proteção de Eleitores e de seus Valores" [4].

A dissertação de Parker (2015) elucida algumas questões sobre o surgimento da CPAC e enumera diversos papeis assumidos por ela desde sua fundação. No início dos anos 1970 havia grande fragmentação no movimento conservador estadunidense e a CPAC foi pensada para

2 O presente trabalho adota o "conservadorismo" a partir do uso nativo da expressão pelos próprios atores da ACU e da CPAC. Expoentes da literatura, a partir de diferentes linhas teóricas, preferem definir a posição ideológica desses atores usando expressões como "extrema direita", "alt-right", "pósfascismo", "populismo de direita" ou "novas direitas", reconhecendo nesses fenômenos características novas e distintas em relação ao conservadorismo.

3 Tradução livre para "We define conservatism".

4 Tradução livre para: "Center for Legislative Accountabilty", "Center for Automotive Freedom", "Nolan Center for Justice", "Center for Arts and Culture", o "Center for Human Dignity", "Center for 21st Century Property Rights" e o "Center for Statesmanship and Diplomacy" e o "Center to Protect Voters and their Values". Tais informações constam da página da internet da ACU. Disponível em: https://www.conservative.org. Acesso em: 13.05.2021.

CC BY NC SA

solucionar esse problema, como um fórum para reunir e colocar em diálogo diversos atores políticos, como o intelectual, o estrategista, os líderes e os ativistas, de modo a promover uma coordenação desses esforços para se construir uma agenda e planos estratégicos comuns.

> A conferência pode, portanto, ser descrita como instrumento originalmente criado pelos líderes políticos e intelectuais da Velha Direita visando incentivar a cooperação, coordenação e comunicação entre um grupo seleto de políticos, intelectuais e comunidades ativistas e também para estruturar intercâmbios discursivos entre esses atores (PARKER, 2015, p. 03) [5].

Entre os papeis identificados por Parker (2015) na criação da CPAC estão o de purificação do movimento conservador, o de expansão desse movimento, o de racionalização do movimento, o de guia ou de direcionamento do movimento, criando entendimentos comuns para os desafios conservadores, interpretando os contextos ideológicos e políticos, funcionando como um mecanismo institucional não oficial fora dos canais do Partido Republicano.

Desde o início já havia preocupações com a agenda internacional, como nas abordagens sobre a Guerra Fria, a política de defesa estadunidense e nas narrativas anti-comunistas. Nesse contexto, por exemplo, Senador Strom Thurmond (Apud PARKER, 2015, p. 135) dos Estados Unidos justificou, em painel da CPAC nos anos 1970, a necessidade de dinheiro do orçamento para a defesa das "nações livres" diante da ameaça soviética. E em discurso na CPAC 1975, Ronald Reagan (Apud PARKER, 2015, p. 138) enfatizou a preocupação com o fim de barreiras comerciais internacionais.

Muito recentemente a ACU e a CPAC desenvolveram centros temáticos e promoveram uma quantidade maior de eventos, atingindo um público muito maior, nos Estados Unidos e fora dele. Desde 2019, a CPAC ganhou força adicional e um dinamismo maior com a promoção de uma pluralidade de eventos no mesmo ano em diferentes localidades dos Estados Unidos, como em Minesota, Atlanta, Memphis, a CPAC West e uma inusitada edição em um estabelecimento prisional, a "CPAC Cárcere" [6], em novembro de 2019.

Além disso, em 2019 a CPAC começou a realizar outras edições no exterior, como na Austrália, Japão, Coreia do Sul e Brasil. Trata-se de uma marca da gestão de Matt Schlapp à frente da American Conservative Union, que assumiu em 2014 o cargo máximo da Fundação, em paralelo à ascensão de Donald Trump entre os conservadores.

5 Tradução livre para: "The conference can therefore be described as an instrument originally created by the political and intellectual leaders of Old Right in order to encourage cooperation, coordination, and communication among a select group of politicians, intellectuals, and activist communities and in order to also structure discursive exchanges among those actors".

6 Tradução livre para "Prison CPAC".

CC BY NC SA

Antes de ser o Chairman da ACU Foundation, Schlapp tivera experiência como assessor parlamentar no final dos anos 1990, como gestor da campanha de George W. Bush, em 2000, e como Diretor Político da Casa Branca na reeleição. Sua militância no conservadorismo teria se originado ainda nos tempos de universitário na University of Notre Dame, onde criou uma revista conservadora. Durante os cinco primeiros anos de sua gestão na ACU, consta que a entidade triplicou de tamanho, atingindo uma audiência de 25 milhões de pessoas e um bilhão de manifestações no Twitter em conferência recente (ACU Foundation, 2019). Em sua trajetória teve vínculos com operações dos irmãos Kock em Washington. Em sua gestão merece crédito também a participação de sua esposa, Mercedes Schlapp, a conselheira estratégica da gestão de Donald Trump para questões atinentes ao Oeste do país, que costuma ocupar lugar de destaque como apresentadora e painelista nos últimos encontros da CPAC (POLITICO, 2018).

Trump proferiu desde 2013 uma palestra por ano na CPAC, à exceção de 2016, e foi se tornando cada vez mais a referência individual principal da Conferência. Nas palavras do Chairman da ACU, Matt Schlapp: "Não é a mudança de atitude do CPAC em relação ao Trump, são os ativistas conservadores americanos que mudaram sua atitude em relação ao Trump. ... A propósito, nós concordamos com eles" [7] (SCHLAPP Apud POLITICO, 2018).

Nessa orientação recente da CPAC, é notável como algumas temáticas estrangeiras vêm ocupando maior espaço nos últimos anos e como as autoridades e influenciadores com repertório mais voltado à política internacional vêm ganhando espaço de fala nas conferências, como é o caso de Mike Pompeo, Gordon Chang e K.T. McFarland.

A CPAC COMO APARATO PRIVADO HEGEMÔNICO

Vista como um aparato ou um aparelho privado ideológico, a CPAC insere-se no contexto de disputas no campo das ideias, mas também como um espaço voltado para ação, conforme o próprio nome da conferência afirma. Essa ação está direcionada simultaneamente ao convencimento de atores da sociedade e de ocupação das estruturas do Estado.

Hegemonia é um conceito fundamental da obra de Gramsci que foi construído ao longo de sua obra. No esforço de síntese do conceito na obra madura do pensador italiano, Dias (1996) traduz a hegemonia como um processo de construção de uma visão do mundo abrangente, em um complexo que abarca política, economia, filosofia, história e a dimensão das afetividades.

7 Tradução livre para: "It's not CPAC's change of attitude toward Trump, it's the American conservative activists who have changed their attitude toward Trump. … By the way, we agree with them".

CC BY NC SA

A hegemonia é cunhada a partir de uma determinada classe social e dirige ao convencimento de outros agrupamentos de que essa racionalidade é a mais adequada, em uma concepção de Estado que inclui as bases sociais da estrutura da sociedade civil, como a igreja, a imprensa e o sistema de educação (DIAS, 1996; COX, 2007). O exercício da hegemonia visaria uma espécie de combinação e equilíbrio entre força e consenso. Meios de comunicação e mecanismos associativos trabalhariam para sedimentar o consenso de maiorias.

Aparelho ou aparato privado hegemônico seriam espécies de arranjos formuladores e difusores de novos terrenos ideológicos e filosóficos. Numa das primeiras formulações de Antonio Gramsci:

> A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é um fato de conhecimento, um fato filosófico. Em linguagem crociana: quando se consegue introduzir uma nova moral conforme a uma nova concepção do mundo, termina-se por introduzir também esta concepção, isto é, determina-se uma completa reforma filosófica (GRAMSCI, 1999, Cad. 01, p. 324).

A expressão se desenvolveu e adquiriu contornos mais complexos em paralelo ao desenvolvimento do próprio conceito de soberania. Na forma mais madura do conceito, pode ser definido como espécies de organismos vivos e voluntários aparentemente autônomos em relação ao Estado, mas que constituem elemento essencial na sua composição. Esses organismos são a sede da produção e articulação de projetos de classe, de visões de mundo e de reformas em entendimentos compartilhados de filosofia e ideologia, bem como de iniciativas para concretiza-los, colocando-o em ação no sentido de produzir consensos, de convencer outros atores e de interpelar seus antagonistas (HOEVELER, 2019; RAMOS 2012).

Quando pensamos em disputas externas e nas relações internacionais, para além do Estado-Nação, a hegemonia deve ser lida com outros contornos, com alguma adequação, reconhecendo o momento de ausência de uma ordem estável e pela pluralidade de entes com o monopólio legítimo do poder da força. Jessop (2005) advertia para a possibilidade da leitura de Gramsci para outros espaços e escalas além do Estado Nacional, de modo coerente com as premissas teóricas do autor italiano. Cox (1981) formulou uma adequação do conceito de hegemonia para tratar das organizações internacionais, atores específicos nas relações internacionais. Com essa chave passou a discutir a hegemonia na dimensão de uma ordem mundial, de onde levantou questões como a regulação de conflitos entre os Estados e uma sociedade civil global, com vínculos entre suas classes sociais.

CC BY NC SA

Acontece que a CPAC não tem as características de organização internacional nos termos utilizados por Cox. Não é nem fruto da "ordem mundial hegemônica" e nem tampouco "corporifica as regras que facilitam a expansão das ordens mundiais hegemônicas" (COX, 2007, p. 119). Funciona mais próxima da definição de aparelho privado hegemônico no nível de disputa doméstico com vínculos entre elites conservadoras que ultrapassam o espaço do Estado. A categoria se adequa ao objeto de estudo sem grande esforço e sem perder sua essência.

NOTAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA EMPÍRICA

A pesquisa empírica aqui empreendida sobre a CPAC não se preocupa com a dimensão doméstica da disputa eleitoral estadunidense, mas sim com as mensagens e narrativas difundidas na esfera pública sobre temas internacionais. O recorte dessa pesquisa privilegia materiais disseminados pela organização da CPAC ao longo das conferências e na página institucional.

A página da CPAC na internet funciona principalmente para divulgação dos eventos futuros. Apresenta alguns materiais sobre antigas CPACs. A página da ACU Foundation, instituição organizadora das Conferências, por sua vez, oferece muitos vídeos dos últimos anos da Conferência, dispostos em seções temáticas. Muitas informações sobre política internacional nas conferências da CPAC podem ser encontradas também na página do "Centro para o Estado e a Diplomacia", ligada à ACU.

Na página "cpac.conservative.org" na internet, organizada pela ACU Foundation, pode-se localizar sessões temáticas sobre alguns conteúdos, entre os quais "Direito à Vida", "China", "Alta tecnologia", "Trump na CPAC", "o golpe contra o Presidente", "Socialismo", "Estado Regulatório", "Constituição e Cultura", "Reforma da Justiça Criminal", "Economia", "Saúde" e "2a Emenda" [8]. Cada sessão traz uma pequena seleção de vídeos de palestras e mesas das últimas conferências da CPAC com autoridades sobre o assunto, entre 2018 e 2020. Entre esses temas, interessa como material para pesquisa aqueles das seguintes sessões: "Política Externa" [9], com 11 vídeos; "China", com 6 vídeos; e "Socialismo", com 15 vídeos.

8 Tradução livre para: "Right to Live", "China", "Big Tech, "Trump at CPAC", "the Coup Against the President", "Socialism", "Regulatory State", "Constitution and Culture", "Criminal Justice Reform, "Economy", "Healthcare" e "2nd Amendment". As páginas referidas são desdobramentos do tronco: https://cpac.conservative.org. As respectivas sessões objeto de investigação estão disponíveis nos endereços: https://cpac.conservative.org/topic/foreign-policy/; https://cpac.conservative.org/topic/china/ e https://cpac.conservative.org/topic/socialism/. Importa salientar ainda que cinco desses vídeos apareciam simultaneamente em duas dessas categorias. A consulta foi feita em maio de 2021.

9 Tradução livre para "foreign policy".

CC BY NC SA

A sessão “política externa” traz referências a projetos ligados a política externa. No conjunto de vídeos dessa sessão aparecem menções a diversos países como as duas Coreias, Honk Kong, Síria, China, Israel, União Europeia e México.

O Socialismo é um tema muito significativo nas alusões aos adversários internos dos Republicanos, sobretudo no ano das prévias dos Democratas em que Bernie Sanders figurou como um candidato com bom fôlego. Nas relações internacionais, vídeos da sessão Socialismo abordam os inimigos externos e referências internacionais supostamente negativas, como a China, a Coreia do Norte, Cuba e Venezuela.

A China é uma referência inescapável entre as prioridades dos políticos estadunidenses, da direita à esquerda, por figurar como grande potência econômica, concorrente direto dos Estados Unidos em diversos setores na geopolítica, por contar com amplo mercado de trabalho e de consumidores e pela tradição no espectro político-ideológico ligado ao Partido Comunista Chinês, desde a Revolução Chinesa, suscitando diversas questões espinhosas como em relação ao papel do Estado e às liberdades individuais. Veremos que ganhou maior destaque para os conservadores da CPAC a partir do evento de 2019. Segundo a apresentação da sessão do site institucional:

> O poder geopolítico crescente da China ameaça a liberdade ao redor do mundo, e a corrida tecnológica é a nova corrida espacial. As novas armas de guerra da China poderiam ser AI, 5G, e Big Data. Permitir que a China vença a corrida para 5G e outras tecnologias poderia dar ao regime comunista acesso aos telefones e informações pessoais dos usuários em todo o mundo. Como os Estados Unidos podem contrariar os planos de domínio tecnológico - e político - da China? (CPAC, s.d.) [10].

O “Centro para o Estado e a Diplomacia” disponibiliza escassos registros na internet sobre seu funcionamento [11]. Conta com elenco de “Companheiros de Políticas” [12] composto pelo empresário Jeff Ballabon, o autor e pesquisador Gordon Chang, o Presidente e fundador do “American Islamic Forum for Democracy” M Zuhdi Jasser, o administrador Mike Magan, o

10 Tradução livre para: “China’s rising geopolitical power threatens freedom around the world, and the tech race is the new space race. China’s new weapons of war could be AI, 5G, and Big Data. Allowing China to win the race to 5G and other technologies could give the Communist regime access to the phones and personal information of users around the globe. How can the United States counter China’s plans for technological – and political – dominance?”

11 Pressupõe-se que seja novo, pelo fato de a preocupação maior com os assuntos internacionais ser relativamente nova na fundação e pelo fato de sua página na internet estar praticamente em branco nesse momento da pesquisa, com espaços a serem preenchidos na “home” e no “blog”, ao passo que o “Center for Criminal Justice Reform” e o “Nolan Center for Justice”, por exemplo, que são os centros mais antigos, publicam grande quantidade de informações sobre seus trabalhos. t

12 Tradução livre para “Policy Fellows”.

CC BY NC SA

administrador Dennis C. Shea e a comentarista política K.T. McFarland. Esse órgão define sua atuação nos seguintes termos:

> Os CSD Senior Fellows abordam uma série de questões incluindo assuntos diplomáticos, relações exteriores, accountability judicial, legislativo e executivo e liberdade e diversidade religiosa, no intuito de ilustrar os princípios da tradição americana e conservadora aos formuladores de políticas, líderes políticos e ao público. O CSD serve para abordar as questões urgentes que envolvem o processo político, o conservadorismo e os princípios básicos americanos, enquanto relaciona estes princípios ao complexo e relevante ciclo de notícias (ACU FOUNDATION, s.d) [13].

Quanto ao recorte temporal, trata-se do momento em que se pode identificar indícios de um projeto de internacionalização da CPAC, com um olhar que ultrapassa os limites da política doméstica. Abrange mais da metade do governo de Donald Trump, incluindo as eleições legislativas de meio de mandato ("Midterms") de 2018 e a eleição em que J. Biden se saiu vitorioso. No Brasil envolve o início da gestão de Jair Bolsonaro. É o período com maior disponibilidade de informações e conteúdos sobre a CPAC.

Trata-se de denso material com diversos painéis individuais, mesas, entrevistas e até um vídeo institucional. Abrangem discursos como o de Mike Pompeo, Mercedes Schlapp, K.T. McFarland, Michael Pillsbury e mesas com Senadores Republicanos Marsha Blackburn e Joni Ernst, em encontros da CPAC de 2020, até os painéis de Larry Kudlow, em encontro da CPAC de 2019, e o de Gordon Chang, na CPAC de 2018. Questões mais diversas são tratadas envolvendo Israel, Coreia do Sul, China, Síria, Cuba, Venezuela, entre outros.

Esse material será complementado por vídeos importantes de painéis da CPAC do ano de 2018, que aparece sub-representado na página da CPAC em relação aos anos seguintes, destacando as apresentações do político britânico Nigel Farage, da política francesa Marion Marechal Le Pen e do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Além disso, será objeto de investigação os demais discursos do Presidente estadunidense na CPAC nesse período.

Em relação à última conferência da CPAC, na Flórida, em março de 2021, será utilizada como fonte de pesquisa o informe analítico produzido sobre o evento publicado no Observatório de Política dos Estados Unidos (Ferreira, 2021), asseverando que este autor acompanhou todo o evento ao vivo, pelos vídeos divulgados pela organização.

13 Tradução livre para: "CSD Senior Fellows tackle a range of issues including diplomatic affairs, foreign relations, Judicial, Legislative, and Executive accountability and religious freedom and diversity in order to illustrate the principles of American and conservative tradition to policymakers, political leaders, and the public. The CSD serves to address the pressing questions surrounding the political process, conservatism, and basic American tenets while relating these principles to the complex and relevant news cycle".

CC BY NC SA

Sublinha-se que páginas políticas na rede mundial de computadores passam por constantes revisões de conteúdos, com a substituição do material por outros, por vezes apagando antigos materiais, por vários motivos que passam por mudanças de posicionamentos, de lideranças ou coalizões. A seleção de materiais postados pela ACU Foundation em determinado período recente oferece um registro fidedigno da divulgação institucional no período, algo que talvez não possa ser reproduzido posteriormente. A sistematização do material aqui realizada pretende somar na agenda de pesquisas sobre atores políticos da direita conservadora nas relações internacionais.

A CPAC NA POLÍTICA INTERNACIONAL ENTRE 2018 E 2021

A sistematização e organização dos resultados da pesquisa empírica serão apresentadas aqui de forma cronológica. Procura-se destacar casos e temas representativos das controvérsias mais reiteradas nesses anos, ao passo que outros materiais sobre temáticas menos repetidas são narrados de maneira sintética e breve.

O ano de 2018

Nosso recorte temporal começa em 2018, segundo ano do Governo de Donald Trump. O evento ocorreu em Maryland, no Gaylord National Resort and Convention Center em National Harbor, com o slogan “Um tempo para a ação” [14].

Um ambiente tenso instaurara-se na política doméstica estadunidense. A oposição pautava o impeachment do Presidente Donald Trump por um suposto conluio com Moscou para influenciar a eleição de 2016, que seguia sob investigação. No final daquele ano seria realizada a “Midterm” na vida política estadunidense, eleição que renovou cem por cento dos deputados e um terço de senadores, entre outros cargos. Tais preocupações foram recorrentes na CPAC daquele ano.

O painel do professor do Departamento de História da Stanford University Gordon Chang tratou de desafios colocados para a sociedade estadunidense na relação com a China. Colocou especialmente a questão das substâncias psicoativas proibidas produzidas na China que são enviadas para os Estados Unidos. Outro ponto referido foram os investimentos chineses em mais de uma centena de institutos de ensino – chamados Confucius Institutes – espalhados

14 Tradução livre para “A time for Action”.

pelo território americano, a partir dos quais é disseminada propaganda do regime chinês para jovens americanos, como parte de uma estratégia global do Partido Comunista.

Talvez a presença de maior repercussão na CPAC de 2018 tenha sido a da política francesa Marion Marechal Le Pen, neta de Jean-Marie e sobrinha de Marine. Muito descontraída, buscou ressaltar aspectos históricos da amizade entre os povos, os desafios colocados com a União Europeia e preocupação conjunta dos conservadores do norte em relação à defesa da liberdade. Preconizou a importância da família, da nação – e do nacionalismo – para o bem comum e para a moralidade do coletivo. Terminou anunciando que estava engajada no projeto de lançamento de uma faculdade para estudos de ciência política.

Nigel Farage, político inglês conhecido como "Sr. Brexit" (Mr. Brexit), compareceu em Conferência da CPAC de 2018, entusiasmado com o início do governo de Donald Trump. Retomou, naquela oportunidade, um pouco da história da vitória em 2016 na campanha pelo Brexit, fazendo um paralelo com a conquista dos republicanos. Salientou o gradativo crescimento dos votos dos conservadores desde 2000 e elegeu como inimigos deles, na Inglaterra e na América, o "establishment" e o mainstream da mídia, que estariam engajados em teorias conspiratórias bizarras e campanhas de fakenews em ambos os países para tentar deslegitimar a derrota. Farage retornou à CPAC em outras oportunidades e em 2021 seguia participando de eventos no território americano em defesa das ideias conservadoras de Donald Trump e seus aliados contra a "elite liberal", promovidos pela organização FreedomWorks (BAXTER, 2021).

Na apresentação de encerramento da CPAC 2018, o Presidente Donald Trump dedicou-se mais a temas polêmicos domésticos, como a questão das armas e o massacre em escola da Flórida com dezessete vítimas. Desferiu muitos ataques aos democratas e a suas políticas, de olho na disputa das eleições Midterms marcadas para o final daquele ano. Em matéria internacional, anunciou um pacote de medidas contra a Coreia do Norte. Comentou sobre as negociações em curso com o México e o Canadá para atualizar os termos do NAFTA. Abordou as políticas de controle da imigração no país. Prometeu acabar com o desequilíbrio nas relações com a China.

Os resultados das Midterms seriam favoráveis aos Democratas na Câmara dos Deputados, enquanto no Senado o controle se manteve com os Republicanos. As condições de governabilidade do governo Trump tornaram-se mais difíceis, mas a apuração minou os planos de impeachment do Presidente (TEIXEIRA, 2018). Em março de 2019 o relatório do procurador especial Robert Mueller absolveu o presidente das acusações de conluio com os russos, após 22 meses de investigação (G1, 2019).

CC BY NC SA

No cenário externo, dois fatos merecem destaque em 2018, todavia repercutindo mais nas CPACs dos anos seguintes. O primeiro foi a mudança da embaixada para Jerusalém, realizada sob protestos. O outro deu-se em outubro de 2018, quando se selou o novo acordo comercial entre EUA, México e Canadá, o USMCA, concluindo negociações que vinham desde o ano anterior.

A CPAC 2018 registrou turbulências na diplomacia em relação à Coreia do Norte. Em maio de 2018 o Secretário de Estado Mike Pompeo realizou uma visita oficial àquele país abrindo uma agenda de negociações e logrou a libertação de três americanos que estavam privados de liberdade em um campo de trabalhos forçados. Em junho de 2019 os presidentes dos dois países encontraram-se em Cingapura. Em junho do ano seguinte, Trump visitou o Presidente da Coreia do Norte Kim Jong-un, atravessando a fronteira pela Coreia do Sul. Desde o princípio esteve no centro da negociação a flexibilização de sansões comerciais ao país asiático em troca da revisão de suas políticas nucleares, mas essa pauta pouco avançou e acabou se enfraquecendo ao final daquele ano (LYI, 2019).

O ano de 2019

O ano de 2019 foi um ano sem pleitos eleitorais e revelou-se muito mais movimentado no tocante às Conferências da CPAC. Foram realizadas algumas edições de conferências no território estadunidense e, pela primeira vez, edições no exterior, na Austrália, Japão, Coreia do Sul e Brasil.

O principal evento, mantendo a tradição, foi o primeiro, no início do ano, contando com a presença garantida das figuras mais ilustres do movimento conservador. O tema da Conferência realizada novamente em Maryland, desta vez entre os dias 27 de fevereiro e 02 de março, foi “O que faz a América grande” [15]. A imagem marcante desse evento foi a de Donald Trump abraçando a bandeira dos Estados Unidos, ato que seria repetido no ano seguinte, e que seria imitado, numa paródia com a nossa bandeira, por Eduardo Bolsonaro, no palco da edição brasileira da CPAC.

Em um dos painéis, o embaixador Dore Gold celebrou o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel, por parte do Governo Trump. Constituiria, segundo o painelista, um ato corajoso a afirmar verdades históricas e que estaria em harmonia com o conhecimento da bíblia pelos pais fundadores dos Estados Unidos e pelo amor à liberdade compartilhado pelos dois povos.

15 Tradução livre para “What makes América Great”.

A partir desse ano a China passou a ter grande centralidade na agenda internacional da CPAC, em painéis como “China, a ameaça global”, “O exterminador do século 21, Como a China está usando 5G e A.I. para assumir o mundo” [16] e outro que partiu de um paralelo com o alerta de Winston Churchill sobre a iminente ameaça de Hitler no entre-guerras. O professor Gordon Chang teve protagonismo nos três painéis, acompanhando outros conservadores. Membro do Departamento de História da Stanford University e autor de vários livros sobre a Ásia, figura no rol de Companheiros de Políticas do Centro para o Estado e a Diplomacia da ACU Foundation.

Em outro painel, o estrategista da Casa Branca Steve Banon comparou o foco na China com o foco na União Soviética nos anos 1970 e 1980 (SCHRECKINGER, 2019). O terrorismo não seria mais a prioridade de ameaças externas. Os Estados Unidos estariam agora em franca missão em defesa da democracia, das liberdades e do livre mercado no mundo.

Um debate foi realizado também sobre o papel dos Estados Unidos na Síria reuniu a jornalista Lisa Daftary, o apresentador de rádio e podcast Buck Sexton e Marc Thiessen, do American Enterprise Institute. Discutiu-se a retirada de tropas e se defendeu a adoção da Doutrina Reagan nos tempos dos conflitos de Angola e Nicarágua, no sentido de se treinar os habitantes locais para guerrear, ao invés de simplesmente enviar os soldados americanos para a batalha.

Os ataques à liberdade por parte do governo de Moon Jae-In na Coreia do Sul foram alvo de outra mesa com dois especialistas na condição da Coreia do Sul e com o representante da Foundation for the Defense of Democracies, cuja moderação coube a Gordon Chang. Foi colocada uma suposta luta ideológica na península em que o Norte estaria subvertendo o Sul.

Na sessão sobre “Socialismo” houve painéis que trataram muito lateralmente de questões internacionais, como os dos apresentadores de mídia Glenn Beck e Larry Kudlow que condenando o socialismo, colocaram a Venezuela como uma prova atual do fracasso desse regime, desaguando em miséria e fome.

Em outra oportunidade, o Chairman da ACU Foundation Matt Schlapp e os políticos Mark Meadows e Jim Jordan reuniram-se em mesa para atacar o projeto do Green New Deal dos Democratas, quando se promoveu um balanço positivo de feitos da gestão, destacando a política de Trump em Jerusalém, o novo acordo do NAFTA, junto ao México e ao Canadá, e a libertação dos três prisioneiros americanos da Coreia do Norte.

16 Tradução livre para “China, the global menace”, “21 Century terminator, How China is using 5G and A.I. to take over the world”.

O ano de 2020

A CPAC 2020 trouxe como slogan “América Vs Socialismo”. Quando foi realizada a primeira edição no início do ano eleitoral, em março, as primárias dos Democratas tinham como favoritos Michael Bloomberg e Bernie Sanders. Seriam alvos reiterados de ataques dos conservadores, sobretudo o último político, devido à sua histórica simpatia pelo socialismo. Os democratas seriam sistematicamente acusados de terem dado uma guinada para o extremo da esquerda.

Difundiu-se um vídeo no evento de pouco mais de oito minutos destacando o referido slogan daquela edição da CPAC. Logo nas primeiras imagens, Lenin, Fidel Castro e Hitler são colocados lado a lado como companheiros em uma ideologia que seria responsável por cem milhões de assassinatos. Em seguida imagens atribuídas à Venezuela evocam um cenário de catástrofe humanitária. Ao longo do vídeo vários dos democratas mais ilustres são mostrados, da Senadora Ocasio Cortez e Bernie Trump a Michael Bloomberg e Elisabeth Warren. Em certo momento, Trump afirmou que “O Socialismo é sobre apenas uma coisa: poder para a classe dominante” [17]. O Socialismo foi vinculado ao antissemitismo, à intolerância, ao sexismo, ao elitismo, à hipocrisia, à corrupção, ao controle de governo, à ruína financeira, à ausência de fronteiras dos Estados. Terminou com slogans da campanha presidencial como “A América nunca será um país socialista” e com apelo a valores como a liberdade, o individualismo, a fé. Não havia créditos de autoria e produção ao final do vídeo.

Os assuntos domésticos e a eleição ganharam destaque em vários momentos, inclusive a escolha de muitos dos palestrantes pode ter sido realizada tendo em vista cálculos dos estrategistas de campanha. Assim a CPAC de 2020 teve convidados jovens influenciadores digitais e membros de movimentos sociais como os militantes negros conservadores Jon Miller, jornalista, e Maj Toure, happer fundador do Black Guns Matter, o gay conservador Brandon Straka, líder da campanha Walk Away, e a ativista do Young Americans Against Socialism Morgan Zegers. Praticamente todos vociferaram em algum momento contra a suposta retórica “vitimista” da esquerda e dos movimentos identitários.

K.T. McFarland apresentou uma série de três painéis dedicados a destruir o Socialismo: “O Socialismo destrói a segurança”, com Chair Liz Cheney; “O Socialismo destrói a Humanidade”, com Mercedez Schlapp, esposa do Chairman da ACU Foundation; e “O Socialismo destrói a economia”, com o Congressista Roger Williams.

17 Tradução livre para: “Socialism is about one thing only: power for the rulling class”.

A construção do muro ao sul do país foi defendida e celebrada pelo político Chad Wolf, no sentido de que a América estaria mais segura nos tempos de Trump na mesma mesa em que o empresário Dan Brouilette discutiu a condição favorável de energia do país e as oportunidades abertas de negociar tais recursos com a Europa. A Venezuela recebeu menção pejorativa como exemplo de políticas socialistas fracassadas, a exemplo do que os Democratas gostariam de aplicar na América.

Uma mini conferência da CPAC foi realizada em fevereiro de 2020 em stand montado em local sagrado da Cidade de David, dentro da muralha de Jerusalém. Ariel Lighstone entrevista o embaixador estadunidense em Israel David Friedman e Ze'ev Orchstein, especialista na história bíblica e dos judeus em Israel. O ambiente era de celebração e justificação da mudança da embaixada americana para Jerusalém.

Na segunda edição da CPAC de 2020, em junho, a Companheira de Política do Centro para o Estado e a Diplomacia da ACU Foundation K.T. McFarland apresentou painel individual contando o seu caso de ser envolvida em uma investigação vexatória e supostamente abusiva por parte das autoridades do país depois que largou cargo no Governo Trump por suposto envolvimento em conluio com a Rússia para interferir nas eleições americanas. Associou a situação a uma perseguição política e a uma evidente intimidação por parte dos socialistas, em sua tradicional sanha por ataque às liberdades individuais.

Em outra sessão dessa CPAC, ela coordenou uma mesa sobre ameaças à liberdade na península Coreana, com o representante do movimento conservador jovem na Coreia do Sul Daniel Chul e o Embaixador Coreano na Austrália. As ameaças à Coreia do Sul também foram colocadas na palestra de Kim Kwang-Dong.

Gordon Chang coordenou a mesa seguinte, dedicada a debater questões de recursos minerais e a necessária revisão na condição de dependência americana em relação a alguns recursos da China. Também para falar sobre a China, o experiente consultor do Departamento de Defesa Michael Pillsbury palestrou sobre de estratégias adotada por Donald Trump em relação à China.

Depois de encabeçar um protesto anunciando a recente notícia de prisão em Honk Kong do amigo ativista Jimmy Lai junto com outros militantes pela liberdade, Chang moderou outra mesa sobre a China. Ao lado do congressista Cathy Rogers e do representante da patrocinadora do evento The Heritage Foundation Jim Carafano, trataram das disputas em torno de tecnologia com a China, abrangendo o sistema 5G, inteligência artificial e a gestão de bancos de dados novos e suas potencialidades e ameaças à liberdade, a ponto de serem tratadas enquanto supostas armas de guerra. Conforme resumiu o moderador da mesa: "Os Estados

CC BY NC SA

Unidos e a China estão envolvidos em uma Guerra Fria Tecnológica e o vencedor dominará o Século 21" [18].

Mercedez Shlapp criticou duramente alguns regimes socialistas, sobretudo no tocante ao cerceamento – senão "morte" – das liberdades, conforme suas palavras. Narrou a história de seus pais, enquanto vítimas da Revolução Cubana e da violência perpetrada pelo regime de Fidel Castro. Emendou um ataque ao regime ditatorial de Hugo Chavez e Nicolaz Maduro, eliminando a economia da Venezuela, que estaria em franco crescimento antes de chegarem ao poder. Quem também trouxe depoimento pessoal foi Dale Bellis, lembrando de sua visita à Rússia e à Ucrânia em 1991, detalhando as lamentáveis condições de vida da população local, desprovida de dignidade e dos mais básicos direitos humanos.

Coube a Mike Pompeo trazer um balanço das políticas internacionais empreendidas, pontuando conquistas – como o Nafta, negociações com a China, a Coreia do Norte, a mudança de embaixada para Jerusalém – e desafios almejando tornar o país mais seguro – no que se inclui a construção do muro e o controle das fronteiras e da imigração – e para posicionar os Estados Unidos de forma mais vantajosa em acordos como o Nuclear e o do Clima.

O início de 2021

Com o slogan "América Não Cancelada" [19], internacionais na primeira CPAC depois da derrota de Donald Trump foi realizada na Florida. As suspeitas de fraude no pleito eleitoral tiveram protagonismo, bem como as acusações em relação aos Democratas de implantarem diversas medidas de cerceamento das liberdades dos conservadores.

Muitos atores políticos de relevo compareceram a essa CPAC, incluindo vários daqueles presentes nas conferências anteriores e referidos na amostra apresentada acima. Merecem destaque o Presidente Trump, o Secretário de Estado Mike Pompeo, os policy fellows do Centro especializado da ACU Foundation K.T. McFarland e Gordon Chang.

Em discurso muito mais voltado para questões domésticas, com um balanço sobre sua gestão e celebração de conquistas, o então ex-Presidente Donald Trump teve seus momentos de euforia e outros em que destilou sarcasmo e agressividade contra os opositores. Não perdeu oportunidade de espetar sutilmente a potência asiática, com a referência pejorativa ao vírus da Covid19 enquanto o "vírus chinês".

18 Tradução livre para: "The United States and China are involved in a Cold Tech War and the winner dominates the 21st century".

19 Tradução livre para: "America Uncancelled".

CC BY NC SA

Era o momento e o ambiente propício para prestação de contas e exaltação dos feitos da gestão e isso foi uma marca dessa edição do evento, inclusive em relação às temáticas internacionais, havendo pouca novidade em relação aos conteúdos e abordagens que já vinham sendo veiculados nos anos pretéritos.

Vários países foram objeto de preocupação da organização do evento, distribuindo-se em pautas de mesas e palestras diversas. De modo similar ao verificado nos anos anteriores, apareceram as duas Coreias, Honk Kong, Rússia, Israel e o grande destaque ficou para a China. Não houve novidade também nas abordagens, retomando aqueles conteúdos já mencionados, geralmente com informações mais atualizadas, como a perseguição aos defensores da democracia em Honk Kong, o antissemitismo e a defesa do Estado de Israel, o embate entre as Coreias e as ameaças à liberdade naquela península, nos regimes do Sul e do Norte. Vale registrar como uma novidade nessa última CPAC estadunidense a presença de conservadores do Japão, representados pelo escritor e jornalista Gemki Fujii.

A ameaça chinesa despontou em momentos e dimensões variados, como em relação às liberdades dos países vizinhos na Ásia, em relação aos empregos, economia, ideologia, tecnologias e política de inovação dos Estados Unidos.

A América Latina seguiu como absolutamente periférica entre as preocupações dos conservadores da CPAC, com menções breves em relação à fronteira mexicana, ao modelo de acordo de livre-comércio com o vizinho do sul (caso que inclui o Canadá). A edição brasileira da CPAC, de 2019, foi lembrada apenas muito brevemente, em vídeo institucional da ACU Foundation.

NOTAS ANALÍTICAS

A tabela 01 oferece um panorama resumido das principais temáticas tratadas nesses últimos anos em matéria de política internacional.

Tabela 01. Destaques e principais temáticas em política internacional na CPAC (2018-2021)

2018	Slogan: "Um tempo para a ação". Midterms tensa – foco mais doméstico. Aparecem tensões com a Coreia do Norte, o entusiasmo com o Brexit, negociações de atualização do NAFTA e promessas de reequilibrar as relações com a China. Presenças de Marion M. Le Pen e Nigel Farage (Sr. Brexit).
2019	Slogan: "O que faz a América Grande". China ganha nítido protagonismo na quantidade de painéis e menções, inclusive por um de Steve Bannon, como a inimiga a ser combatida no campo das liberdades e democracia. Questionamento do papel dos EUA na Síria. Edições da CPAC no Brasil, Coreia do Sul, Japão e Austrália. Denúncias de ataques às liberdades na Coreia do Sul. Celebração da embaixada de Israel em Jerusalém.
2020	Slogan: "América Vs Socialismo". Ênfase em ataques ideológicos duros contra os supostos inimigos das liberdades (como China, Venezuela e Cuba). Destaque para questões econômicas e tecnológicas envolvendo a disputa com a China. Conferência realizada em Jerusalém. Aparece a tensão entre Rússia e Ucrânia em painel.
2021	Slogan: "America Não Cancelada". Foco doméstico na suposta perseguição aos conservadores nos EUA, a fraude no sistema eleitoral. Na mesma esteira, a perseguição aos patriotas de Honk Kong foi tematizada. A ameaça chinesa continuou a merecer destaque em várias áreas (economia, tecnologia, emprego e até na saúde, com a menção ao "China Virus").

Fonte: Página ACU Foundation e vídeos da 1a conferência de 2021. Elaboração do autor.

De modo geral, duas posturas mais amplas foram identificadas na análise do material empírico estudado, em relação às narrativas difundidas na CPAC. Uma é voltada para as disputas no âmbito doméstico, em relação ao status anti-establishment, quase que subalterno, do conservadorismo diante de toda pressão das instituições de ensino, da indústria cultural, das mídias tradicionais e de todo "mainstream" do meio artístico. A outra é voltada para disputas externas, especialmente em relação à principal antagonista no cenário atual, a China, na qual os Estados Unidos estão disputando com certa proeminência a posição de garantidor das liberdades e das democracias, ante a ameaça da potência asiática. Tendo em vista o recorte e o escopo da presente pesquisa, é essa orientação que nos interessa aqui. Os conflitos são interpretados de modo variado, geralmente com as lentes da ideologia e do pragmatismo, sobretudo considerando o momento de Donald Trump na Presidência.

A visão de mundo propagada pela CPAC, sobretudo nas conferências internas, remete reiteradamente à máxima "América em Primeiro Lugar" [20]. Segundo Ayerbe (2019), essa política revela a intenção de se promover uma revisão significativa das políticas das últimas administrações. Os Estados Unidos vivem um momento de transição no qual, pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, sua condição de liderança é crescentemente contestada. China, Estados

20 Tradução livre para "America First".

CC BY NC SA

Unidos e mesmo a Rússia conformam áreas de influência em uma ordem internacional instável. Arranjos institucionais construídos depois da Segunda Guerra Mundial e que favoreceram sistematicamente aos interesses dos Estados Unidos viraram objetos de questionamento.

O tom do discurso adotado pelos conservadores e as estratégias adotadas parecem ganhar mais calor nos últimos anos, desde a campanha eleitoral de 2016 a China foi eleita como principal inimiga externa dos Estados Unidos e a animosidade parece se agravar (CHAGAS, 2020).

Velasco e Cruz (2019) situa a maior belicosidade nas narrativas a partir de esforços deliberados nesse sentido no âmbito da estratégia da "política de Gringrich", formulada e difundida no interior do Partido Republicano a partir de 1994 e que concebe a política como guerra e o adversário como inimigo a ser estigmatizado e vilipendiado. É coerente com o estilo a adoção de agressividade verbal, a adesão a teorias conspiratórias e a obstrução de pautas de modo estratégico, visando promover disfunção nas instituições políticas tradicionais. Trump seria o ápice desse movimento. Esse tom é percebido tanto nas relações políticas doméstica, quanto nas relações internacionais.

Coerente com tal belicosidade, mostra-se simbólica a caracterização de Donald Trump como um "American Samurai", cunhada pelo japonês Gemki Fujii em vídeos institucionais divulgados nos intervalos da CPAC Flórida de 2021. O ex-Presidente estadunidense é retratado como um patriota em batalha contra a vilã China e seu império comunista e totalitarista. Sua arma, a espingarda, serviria, para a cultura de sua pátria, tal qual a tradicional espada dos guerreiros nipônicos (Ferreira, 2021). A reiteração da expressão "China Virus" em discursos de Trump e de outros conservadores, constitui sintoma dessa orientação bélica em face de oponentes.

Mais do que uma disputa particular entre as duas potências, reside aí uma disputa ampla por hegemonia política com impactos globais, sobretudo no tocante às disputas sobre as tecnologias de comunicação, como evidencia a fala da congressista Kathy Rodgers, em mesa da CPAC 2020:

> Acho que precisamos liderar no 5G, precisamos liderar no A.I., precisamos estar trabalhando estrategicamente para garantir que o americano, que a América estejam liderando, que estejam ganhando o futuro, e trabalhando com aliados ao redor do mundo para vir e seguir nossa liderança em vez de seguir a China (RODGERS Apud WONG, 2020) [21].

21 Tradução livre para: "I think we need to lead on 5G, we need to lead on A.I., we need to be working strategically to make sure that American, that America that is leading, that's winning the future, and working with allies around the world to come and follow our leadership rather than follow China".

CC BY NC SA

Dominar as tecnologias de dados, informação e comunicação teria impacto na capacidade de controlar populações, de cercear liberdades, de formular e ditar regras no cenário internacional. Em última instância, teria o condão de impor sua ideologia aos demais.

Praticamente todas as principais sete orientações políticas do Governo de Donald Trump em relação à China pontuadas por Guimarães (2020) estão presentes no material empírico estudado:

> i. eliminar o déficit comercial dos EUA com a China; ii. impedir a transferência de tecnologia avançada; iii. reduzir a presença de estudantes chineses nos EUA; iv. impedir a adoção da tecnologia 5G da Huawei; v. promover o retorno da produção industrial para os Estados Unidos; vii. expandir o orçamento e a presença militar americana na Ásia; vii. alinhar os países europeus com os Estados Unidos contra a China (GUIMARÃES, 2020).

A busca pela hegemonia dos Estados Unidos na dimensão internacional na CPAC abrange a produção de consensos sobre o status estadunidense de grande defensor das liberdades, do livre mercado e da democracia. Seria a única nação capaz de fazer frente às ameaças terríveis colocadas na geopolítica internacional, especialmente pela China.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O executivo da ACU Foundation Dan Schneider revelou, na CPAC 2019, que haviam sido realizados encontros durante meses a fio entre grupos conservadores ligados à CPAC para refletir sobre a agenda e as prioridades na política externa que deveriam ser abraçadas pelo governo Trump. Nessa linha de operação, a CPAC opera como espécie de think tank visando influenciar as políticas públicas do governo. Vai muito além, como vimos, atuando na formação de militância e na construção e difusão de ideologia e de narrativas políticas para públicos internos e externos.

Conforme o contexto doméstico eleitoral dos Estados Unidos notamos que as questões domésticas ganharam maior protagonismo, geralmente na posição anti-establishment. A agressividade e o tratamento dos adversários – internos e externos - como inimigos aparece como abordagem reiterada nesses últimos anos.

Os múltiplos olhares para o exterior constituem uma realidade consolidada nas últimas edições do evento. Materializaram-se na própria criação do Centro específico para tais questões na ACU Foundation. As posturas discursivas proeminentes nas relações exteriores são de

CC BY NC SA

manutenção do status histórico de supremacia e de garantidor das liberdades e da democracia no mundo, frente à ameaça chinesa.

A realização de conferências no exterior e a constituição de centros especializados em temas internacionais, ambas iniciativas da gestão de Schlapp à frente da ACU Foundation, evidenciam tendências nova de ampliação de horizontes da CPAC. Com maior segmentação de conteúdos, passou a atingir de forma mais direta a novos públicos em outras realidades políticas. Nota-se o esforço em se adequar a outras realidades, estabelecendo conexões com elites políticas de outros países com afinidades no campo ideológico. Confirmando tal tendência, outras edições no exterior foram realizadas em 2022 (Hungria, Brasil, Israel México, Austrália e Japão) [22].

O continente latino-americano teve importância periférica no material observado. A revisão dos termos do NAFTA, o problema da migração mexicana e o fatídico muro na fronteira sul e o problema socialista na Venezuela e Cuba ganharam alguma atenção, mas de modo esporádico e breve. Apesar disso, a realização de edições da CPAC no Brasil, em 2019 e 2022, e no México, em 2022, aponta para a valorização desses países na região e para o conjunto do movimento internacional das direitas.

A centralidade de preocupações volta-se, contudo, para a China. As figuras centrais nessas orientações recentes para as relações internacionais da CPAC são Matt Schlapp, Donald Trump e Gordon Chang. Schlapp é o Chairman da ACU Foundation. Trump figura como o astro, o protagonista político na CPAC neste momento histórico, a prestigiar reiteradamente as conferências e sagrando-se como a referência fundamental para a maioria dos participantes. Gordon Chang constitui a autoridade intelectual da ACU Foundation sobre a Ásia – especialmente sobre a China. Com a fala e o lugar do especialista, atende com a legitimidade outorgada por sua posição conquistada por mérito em um meio acadêmico adverso. Incorpora um papel simbólico nas narrativas de guerra na filosofia e no campo das ideias.

As preocupações com as questões internacionais estão evidentes na análise do material empírico. Vieram à tona nesse período em que Trump ocupou a Presidência dos Estados Unidos da América e em meio a uma série de instabilidades na ordem internacional. Mesmo com a passagem do Partido Republicano e de Trump para a oposição, é certo que os esforços em busca de formação de consensos prevalecem no âmbito da CPAC, dentro e fora dos Estados Unidos, e seguirão merecendo atenção no contexto internacional.

22 Ver na página oficial da CPAC. Disponível em: https://www.conservative.org/events/. Acesso em: 14.02.2023.

REFERÊNCIAS

ACU FOUNDATION. Matt Schlapp, 2019. Disponível em: https://foundation.conservative.org/team/matt-schlapp/. Acessado em 30 de março de 2021.

ACU FOUNDATION. Center for Statesmanship & Diplomacy, s.d. Disponível em: http://acufoundation.conservative.org/center-for-statesmanship-diplomacy/about/. Acesso em 13 de maio de 2021.

AYERBE, Luís Fernando. Tempos de Reinvenção: ordens antigas na desordem do mundo presente. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

BAXTER, Holly. Nigel Farage: What does the American right want with the self-proclaimed 'Mr Brexit'?. Independent, 27.05.2021. Disponível em: https://www.independent.co.uk/news/world/americas/nigel-farage-brexit-american-tour-b1852748.html. Acessado em 31 de maio de 2021.

CHAGAS, Gabriela. O que está por trás das tensões entre os Estados Unidos da América e a China? Uma análise para além da Guerra Comercial. Núcleo de Estudos do BRICS – UFRGS, 2020.

COX, Robert W. Gramsci, hegemonia e Relações Internacionais. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

COX, Robert W. Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory. Millennium: Journal of International Studies. London, 1981: 126-155.

CPAC. China, s.d. Disponível em: https://cpac.conservative.org/topic/china/. Acessado em 01 de junho de 2021.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, Edmundo Fernandes et all. O outro Gramsci. São Paulo, Xamã, 1996: 9-80.

FERREIRA, Otávio Dias de Souza. A América jamais será cancelada: a primeira CPAC pós-Trump. Observatório Político dos Estados Unidos, 2021. Disponível em: https://www.opeu.org.br/2021/03/02/a-america-jamais-sera-cancelada-a-primeira-cpac-pos-trump/. Acessado em: 19 de abril de 2022.

CC BY NC SA

FERREIRA, Otávio Dias de Souza. CPAC e a integração conservadora Brasil-Estados Unidos. Observatório Político dos Estados Unidos, 2019. Disponível em: https://www.opeu.org.br/2019/10/20/cpac-e-a-integracao-conservadora-brasil-eua/. Acessado em: 19 de abril de 2022.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Vol. 01. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

G1. Após 22 meses de investigação, procurador livra Trump de acusação de conluio com a Russia, 24.03.2019. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/24/relatorio-de-mueller-sobre-russia-diz-que-trump-nao-cometeu-crime-mas-tambem-nao-o-exonera.ghtml. Acessado em 28 de maio de 2021.

GONYEA, Don. What Is CPAC? A Room That Didn't Always Love Trump, But Owes Him A Lot, News from New Hampshire, 22.02.2017. Disponível em: https://www.nhpr.org/post/what-cpac-room-didnt-always-love-trump-owes-him-lot#stream/0. Acessado em 18 de março de 2021.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. A hegemonia dos EUA e a ascensão da China. Brasil de Fato, 17.06.2020.

HOEVELER, Rejane Carolina. O Conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. Revista Praxis e Hegemonia Popular, ano 5, n. 5, (2019): 145-159.

HUMAN EVENTS. CPAC Over 30 years: Conservatives have come a long way, 03.02.2003. Disponível em: https://humanevents.com/2003/02/03/cpac-over-30-yearsbrconservatives-have-come-a-long-way/. Acessado em 18 de maio de 2021.

JESSOP, Bob. "Gramsci as a spatial theorist". Critical Review of International Social and Political Philosophy, vol. 08, n.4 (2005): 455-68.

LIMBAUGH, Rush. "My conversation with Matt Schlapp". The Limbaugh eLetter, 2018. Disponível em: https://mobileservices.texterity.com/thelimbaughletter/november_2018/MobilePagedArticle.action?articleId=1436407#articleId1436407. Acessado em 30 de maio de 2021.

LYI, Macarena Vidal. Coreia do Norte anuncia suspensão das negociações nucleares com EUA. El País, 08.12.2019.

NASH, George W. The conservative intelectual movement in America since 1945. 30th anniversary ed. Wilmington, DE: ISI Books, 2006.

PARKER, Daniel Preston. CPAC: The Origins and Role of The Conference in the Expansion and Consolidation of the Conservative Movement, 1974-1980. Tese de Doutorado em Filosofia, University of Pennsylvania, 2015.

Politico. "Trump's New Power couple. Matheus Nussbaum". Politico, 03.10.2018. Disponível em: https://www.politico.com/story/2018/03/10/trump-white-house-mercedes-matt-schlapp-453024. Acessado em 14 de maio de 2021.

RAMOS, Leonardo. Antonio Gramsci. In: LIMA, Marcos Costa et al. Teóricos das relações internacionais. São Paulo: Hucitec-Facep, 2012.

SCHERENCKINGER, Ben. "CPAC's new boogeyman: China". Político, 28.02.2019. Disponível em: https://www.politico.com/story/2019/02/28/cpac-conservatives-china-1194212. Acessado em 01 de junho de 2021.

TEIXEIRA, Tatiana. Vitória democrata na Câmara, alta participação e diversidade marcam Midterms. Observatório Político dos Estados Unidos, 2018. Disponível em: https://www.opeu.org.br/2018/11/23/vitoria-democrata-na-camara-midterms/. Acessado em 19 de abril de 2022.

VELASCO E CRUZ, Sebastião C. Uma casa dividida: Donald Trump e a transformação da política americana. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião C.; BOJIKIAN, Neusa Maria Pereira. Trump: primeiro tempo: partidos, políticas, eleições e perspectivas, 11-44. São Paulo: ed. Unesp, 2019.

WONG, Kristina. "Experts at CPAC: United States anid China are involved in a 'Cold Tech War'". Breitbart News, 28.02.2020. Disponível em: https://www.breitbart.com/politics/2020/02/28/cpac-united-states-china-cold-tech-war/. Acessado em 01 de junho de 2021.

CC BY NC SA